

OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Medusa ao Reverso: relações entre o conceito de “Corpo Duradouro” e o processo de criação em dança.** Maceió: UFAL. Licenciatura em Dança – ICHCA (Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes); Docente do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas.

RESUMO: Este é um estudo performativo que investiga as possíveis relações entre o conceito de “Corpo Duradouro” de Joseph Campbell e a experiência pessoal como artista e pesquisadora dentro de uma criação duradoura que se mantém e se atualiza há mais de cinco anos, tanto no meu próprio corpo como bailarina-criadora, como também em demais reverberações poéticas que se deram, ao longo destes anos, por meio de encontros potentes com outros artistas das mais diversas linguagens.

PALAVRAS CHAVE: Corpo Duradouro; Processo de Criação; Dança; Mitologia.

Medusa on Reverse: relations between the concept of "The Long Body" and the process of creation in dance.

ABSTRACT: This is a performative study that investigates the possible relationships between Joseph Campbell's concept of "The Long Body" and personal experience as an artist and researcher with a lasting creation that has been maintained and updated for more than five years, both on my own body as a dancer-creator, as well as other poetic reverberations that have been given over the years through powerful encounters with other artists of the most diverse languages.

KEYWORDS: Long Body; Creation Process; Dance; Mythology.

O presente trabalho pretende discutir possíveis confluências entre um processo de criação em dança – intitulado *Medusa ao Reverso* - e o que Joseph Campbell nomeou como “Corpo Duradouro”. Nosso embasamento teórico faz-se a partir de perspectivas somáticas e estudos acerca de mitologia, relacionando corpo e mito, suas relações intrínsecas e as reverberações de tais relações no universo criativo da dança.

Ao longo dessa discussão, há também um breve exercício de olhar para algumas reverberações desta criação em outros corpos; observando a potência de uma criação duradoura na afetação de outras criações de outros artistas-parceiros que se unem e encruzilham essa trilha criativa.

O processo de criação do trabalho *Medusa ao Reverso* teve início em 2014, como processo/produto de uma pesquisa de doutorado em Artes da

Cena, na qual propus-me a investigar as relações entre corpo, imagem e mito dentro de um processo de criação em dança. Ao longo desta pesquisa fui deparando-me com inúmeras outras pesquisas de colegas e professores da área de Artes da Cena que cunham termos muito interessantes para nomearem os conceitos advindos de suas investigações. Em geral, tais termos são construídos pela palavra *corpo* seguida de um hífen, e alguma outra palavra que traz o enfoque da pesquisa do autor, como por exemplo: “corpo-mídia”; “corpo-máscara”; “corpo-subjétil”; dentre tantos outros.

No entanto, quando paro para pensar a que corpo me refiro em minhas pesquisas e criações, percebo que falo um pouco de cada um dos citados acima e de tantos outros mais. E tal reflexão acerca desta multiplicidade conceitual de corpos dentro de um mesmo corpo que dança remete-me a um interessante conceito desenvolvido pelo mitólogo Joseph Campbell¹ - “Corpo Duradouro”. Tal conceito é muito bem elucidado por um feliz exemplo utilizado por Campbell em sua obra *As Transformações do Mito através do Tempo*, no qual o mitólogo descreve um antigo rito de iniciação da região de Pompéia.

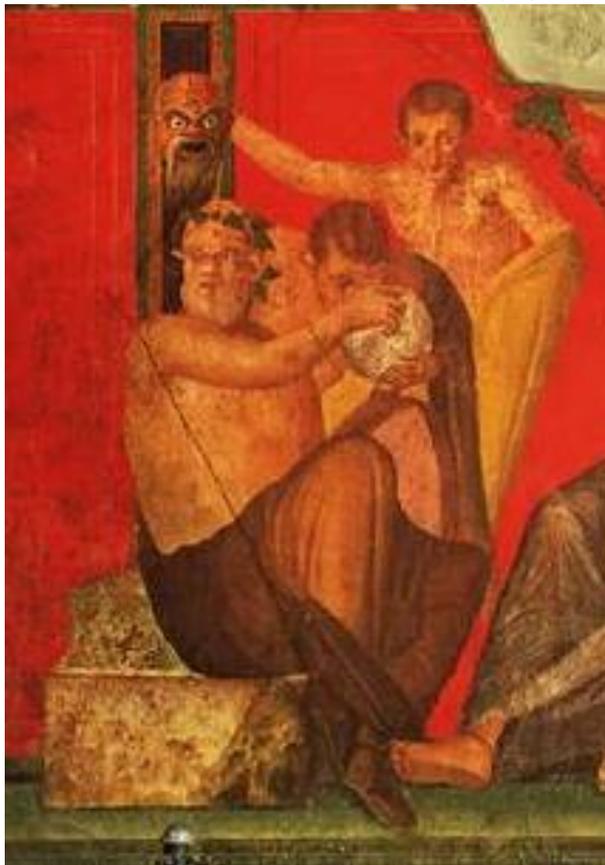
O rapaz está sendo iniciado. Há um iniciador e um assistente. Diz-se ao rapaz: “Olhe seu verdadeiro rosto”. Mas a bacia é tão côncava que o que ele vai ver não será o próprio rosto, e sim a máscara da velhice, segura por alguém atrás dele. Que susto! Ele está sendo apresentado àquilo que os índios americanos chamam de “o longo corpo”, o corpo todo de sua existência, do nascimento à morte. (CAMPBELL, 2015, p.28)

¹ **Joseph Campbell** (1903-1987), mitólogo, educador, autor e editor, nasceu em Nova Iorque. Estudou nas universidades de Colúmbia, Paris e Munique. Durante quase quarenta anos deu aulas no *Sarah Lawrence College*, onde foi membro do Departamento de Literatura. É autor de grandes obras de mitologia comparada, tais como *As Máscaras de Deus*, *O herói de Mil Faces*, dentre tantas outras. Realizou, com Bill Moyers, a série de televisão *O Poder do Mito*, que foi ao ar após sua morte, em 1987 e, posteriormente, foi publicada como livro. Essa foi, provavelmente, a obra que popularizou seu trabalho pelo mundo.

Figura 01. Detalhe da Decoração Parietal da Vila dos Mistérios em Pompéia

Fonte: <https://rodrigovivas.files.wordpress.com/2010/01/misteriro.jpg>

Acessado em 05 de novembro de 2018.



Um ritual que revela a coexistência de corpos em um jovem iniciado. E haveria nos dias atuais outras maneiras de depararmos-nos com tal coexistência de corpos em nós mesmos? Lembro-me de um jovem ator - discente do curso de teatro da UFAL - que veio me cumprimentar após uma das apresentações de *Medusa ao Reverso*, e disse-me: “*Impressionante! Fico pensando em quantas criaturas cabem dentro de você!*”.

O comentário desse jovem rapaz me faz acreditar que sim, além de rituais de iniciação, haveria na dança (ou no teatro, ou na performance ou em qualquer outra vivência cênica de caráter presencial) a possibilidade da experiência desse “Corpo Duradouro” – desses vários corpos; dessas “*inúmeras criaturas*” que nos habitam.

Nós somos um processo de imagens somáticas – algumas do nosso corpo externo, algumas de dentro do corpo, uma continuidade de imagens. Mesmo na sua infância, a sua velhice está lá, esperando por você. [...]. Tudo está lá, junto, os estágios existem simultaneamente. (KELEMAN, 2001, p. 54)

Somos essa continuidade incessante de imagens que nossos próprios corpos criam. A partir das vivências experienciadas ao longo de nossas trajetórias humanas, vamos formando em nossa psique uma infinidade de imagens arquetípicas. Cada um de nós possui um verdadeiro panteão dessas imagens, e todas elas coexistem no nosso imaginário, “impressas”² outrora pelas vivências corporais; e mais do que isso, presentes no corpo, visto que esse não pode ser separado de seu próprio imaginário. Sendo assim, poderíamos afirmar que em nossos corpos há uma multiplicidade de corpos coexistentes – corpos relacionados a nossa própria existência. E esses tantos corpos não poderiam ser ignorados por um bailarino dentro de um processo de criação.

[...] o corpo que dança permite o sensível com toda a sua gama de possibilidades de sensações e reverberações variadas de imagens e significados. Essas percepções são incorporadas pelo artista em criação e ação cênica por meio de suas vivências e experiências – como tatuagens em movimento revelando que o corpo é vestido de seus vestígios. (MILLER, 2012, p. 118)

Eu não ousaria desprezar dentre tantas vestes e vestígios as imagens míticas que nos envolvem. Os mitos seriam também vestes, vestígios e parte integrante dos corpos humanos.

Se o meu corpo e minhas vivências corporais propiciaram a “impressão” em minha psique das tantas imagens que me unem imagetivamente a toda raça humana, fica mais claro o porquê ao movimentar meu corpo e colocá-lo em um estado de criação, o mesmo se lembra das imagens que ele próprio oportunizou “imprimir”. E tal processo de *lembranças de imagens* vai se fazendo de maneira muito dinâmica no decorrer de um processo de criação. As imagens se transmutam tais quais as formas do corpo dançante no espaço. Trata-se de uma labilidade intrínseca ao corpo e ao próprio processo de criação. E, por mais que haja uma estrutura coreográfica que embase o trabalho, a labilidade das formas é dominante em um processo de criação que se permite mudar junto às constantes alterações do corpo, girando junto à roda mítica da fortuna.

² Referimo-nos aqui ao processo de “Impressão” (*Imprint*) elucidado por Campbell em sua obra *Mito e Transformação*, como um processo de criação de imagens na psique humana que se dá a partir das experiências vividas, ou seja, o corpo e a experiência corporal são essenciais para a impressão de tais imagens. (CAMPBELL, 2008)

Ser corporificado é participar na migração de uma forma corporal para outra. Cada um de nós é um nômade, uma onda que dura por algum tempo e então assume uma nova forma somática. Essa transformação perpétua é o assunto de todos os mitos. (KELEMAN, 2001, p. 101)

Ao longo desses cinco anos de vivência deste processo de criação, é óbvio que meu corpo também passou por transformações, algumas mais sutis, outras mais notórias. Houve o envelhecimento de cinco anos. Tinha 32 anos quando adentrei o processo, agora já tenho quase 37. Eu tinha cabelos negros. Agora sou ruiva. Eu era uma estudante em doutoramento. Agora sou docente em uma Universidade Federal. Eu morava no interior do estado de São Paulo. Agora resido em Maceió – AL. O friozinho chuvoso do estado de São Paulo foi substituído por uma paisagem inundada de sol e mar. Calor incessante que faz meu corpo transpirar de outra maneira. Sol tão potente que me fez criar um hábito que eu não tinha – usar óculos escuros. E nos finais de tarde já não é mais em volta de um pequeno lago que caminho, mas sim à beira de um mar tão gigantesco que se mescla com o céu e me faz notar de maneira pungente o quanto sou pequenina diante do infinito.

São muitos os estranhamentos de estar em um novo lugar, e talvez até como uma maneira de trazer um pouco do que fora construído na antiga morada, quase como quem traz um bibelô encaixotado em meio ao caminhão de mudanças; eu trago também *Medusa ao Reverso* para este outro lugar, este outro momento de vida. Mas é uma ilusão pensar que tal como o bibelô trazido em caixas e jornais, o processo também se manterá intacto, sem nenhuma alteração. Ele também permitiu ser transformado junto ao meu corpo, junto à cor dos meus cabelos, junto à temperatura e às novas paisagens, afetando-se também pelos novos encontros.

Conheci em Maceió artistas extremamente interessantes, e dentre esses convidei Jessé Batista³ para “dirigir” o trabalho. Aos poucos fomos descobrindo

³ Jessé Batista é B.boy, Intérprete Criador, Dançarino e Professor de dança, formado como Técnico de Dança pela Escola Técnica de Artes – Universidade Federal de Alagoas – UFAL, graduando Licenciatura em Dança nessa mesma universidade. Natural da cidade de União dos Palmares – AL, criador e integrante do Código 8 Coletivo de Dança. Em 2013 inicia pesquisa solo em dança, criando seu primeiro trabalho intitulado como Encenações Urbanas e em

que seu papel não seria exatamente de um diretor, mas Jessé foi se tornando um coautor do trabalho, tecendo junto a mim a nova dramaturgia que ia se delineando a cada encontro.

Medusa ao Reverso tinha 20 minutos de duração, agora tem cerca de 50 minutos. O trabalho tinha uma trilha sonora; agora é embalado unicamente pelo silêncio e pelos sons do meu próprio corpo. *Medusa ao Reverso* fora composto outrora para a estrutura de *palco italiano*. Agora é dançado em um formato de arena com o público próximo a mim. É claro que aponto aqui as alterações macroperceptivas, mas a cada nova apresentação, a cada novo ensaio são inúmeras as micropercepções de algo diferente que acontece no trabalho, ainda que nem eu, nem Jessé sejamos capazes de precisar em palavras que *algo* seja esse.

O trabalho inegavelmente está diferente, mas não há quem não diga que ainda é *Medusa ao Reverso*. Já ouvi do próprio Jessé de que por vezes ele tem a sensação de que o trabalho nem mudou tanto assim, mas teve algumas cenas esgarçadas, alguns momentos dilatados. Eu sinto que o trabalho mudou bastante sim, mas sempre que volto a ensaiá-lo ou apresentá-lo tenho um aconchego de estar voltando para um lugar conhecido, quase como voltar para casa e ser recebida a cada chegada com alguma nova surpresa.

Essa sensação de algo que é mutável, mas que ainda assim permanece é nítida para mim ao longo do processo de *Medusa ao Reverso*. É como a lua que a cada dia toma uma forma distinta no céu, mas ninguém diz que ela deixou de ser lua, ou que deixou de existir, ainda que ela esteja na fase negra da lua nova. Sabemos que ela ainda está lá. Assim como ainda estão em *Medusa ao Reverso*, apesar das várias mudanças, as imagens-guias do início do processo: minha *Sereia*, minha *menina Aurora*; minha *Níobe-Amante*; minha *Fortuna-Bailarina*; minha *Parca*; minha *Ninfa-Ofélia*; meu *Gato*; minha

Górgona... são imagens que me serviram como portas-de-entrada para vivenciar tantos corpos no meu corpo.

Ser uma menina em uma cena, e uma velha na seguinte; ser um animal raivoso e na sequência ser uma ninfa etérea. E o mais mágico de tudo isso é poder ser tantas sem deixar, em momento algum de ser Kamilla. Afinal, é no mesmo corpo que vão sendo moldadas a quadrupedia de um animal raivoso ou a leveza flutuante de uma sereia.

Figura 2- Montagem Artística de Igor Capelatto a partir de foto de Ivana Cubas e escultura de Camille Claudel
Fonte: (OLIVEIRA, 2016, p.17)



Figura 3- Montagem Artística de Igor Capelatto a partir de foto de Ivana Cubas e escultura de Camille Claudel

Fonte: (OLIVEIRA, 2016, p.290)



O corpo duradouro é a cadeia de corpos da qual somos parte. O ser humano é um amálgama do panteão de imagens somáticas. Os diferentes corpos da nossa história – pessoal e impessoal – estão em nossos sonhos. O mito também nos apresenta as imagens corporais de diversas idades e eras. O complexo de imagens somáticas proporciona à nossa imagem somática atual uma organização e uma dimensão, uma estrutura que tem duração. O corpo duradouro é a sequência dos corpos que tivemos desde o início da concepção humana. Esses corpos existem agora, não como lembrança, mas como estrutura. Eles ainda estão aqui, funcionando. É um corpo ao lado do outro, por assim dizer. (KELEMAN, 2001, p. 53)

É a mesma estrutura física de cerca de 1,65cm e 50 kg que recebe tantos seres, que na verdade nunca vão embora de fato, mas sempre me habitam. O que acontece no momento ritualístico da ação artística é tão somente deixar que estes seres se façam vistos por outras pessoas. Meu corpo dá vazão a essas metamorfoses, mas a percepção dessas também só ocorrerá pela via corporal. Somente a presença, o olhar, a audição, a real experiência daquele momento do acontecimento artístico é que pode fazer com que essas tantas criaturas sejam de fato vistas/sentidas pelo público. E muito provavelmente não sejam percebidas da mesma maneira que eu as sinto. As imagens que chegarão a cada espectador, estarão relacionadas às

experiências e impressões imagéticas que cada indivíduo foi construindo em sua psique ao longo do tempo.

E ao falar das afetações da Recepção de *Medusa ao Reverso* por outros olhares, não poderia deixar de destacar aqui alguns preciosos presentes que fui recebendo ao longo dos compartilhamentos desse trabalho. Tive a honra de ter quase sempre na plateia colegas artistas das mais diversas linguagens, e alguns deles materializaram suas afetações ao assistir ao trabalho por meio de suas artes próprias.

Recebi inúmeros registros fotográficos de talentosos fotógrafos, relatos escritos: poemas, crônicas; além de desenhos e uma adorável bonequinha. Fui colecionando esses tesouros ao longo desses cinco anos, e vejo nesse artigo um interessante momento de compartilhamento também dessas reverberações poéticas. O “Corpo Duradouro” que se manifesta em minha dança pode afetar outros corpos que de alguma maneira têm seus “corpos duradouros” também manifestados por meio de suas manifestações artísticas próprias.

É como se todos, simbolicamente, adentrássemos um mesmo rito, no qual uma fagulha de dimensão mítica que por ventura emane do meu corpo, ascendesse a dimensão mítica desses outros corpos. Cada um externaliza através de seus próprios meios e linguagens expressivas as imagens míticas que lhes são impressas; e de alguma maneira foram tocadas ao assistirem *Medusa ao Reverso*.

Destaco a seguir dois artistas que me presentearam com suas leituras sensíveis de *Medusa ao Reverso*: a bonequeira Bela Sancho⁴; e o artista plástico Jean Marcelo⁵.

⁴ **Isabela Sancho** é arquiteta, artista plástica e escritora. É formada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP, tendo também realizado diversos Cursos no Instituto de Artes dessa mesma instituição.

⁵ **Jean Marcelo Julio da Silva** é formado em Recursos Humanos pela UNOPAR – Universidade Norte do Paraná. Atua na área de Artes Visuais, tendo sido sua primeira exposição - chamada Anatomia das Cores - realizada no Vinil Coffe Bar em 22 de fevereiro a 23 de Março de 2017.

Corpos em Metamorfose: uma Boneca Sacerdotisa/Górgona

Ganhei de uma querida amiga bonequeira, a quem eu encomendara uma boneca que retratasse de alguma maneira a metamorfose mítica de Medusa – que era uma belíssima sacerdotisa da deusa Atena, mas que por uma maldição desta deusa é transmutada em górgona – um monstro petrificador, cujos sedosos cabelos são transformados em serpentes. Meu pedido fora focado, a princípio na Medusa mítica apenas, sem qualquer referência ao trabalho coreográfico. Mas qual não fora minha surpresa ao saber que a sensível bonequeira fez questão de ler trechos do meu trabalho escrito e assistir aos vídeos do trabalho coreográfico, confeccionando com detalhes cuidadosos (inclusive a fidelidade aos tons e texturas do meu figurino) uma boneca que não era apenas Sacerdotisa/Górgona, mas havia alí também um terceiro ser – uma Kamilla-Bailarina – que transita permanentemente por essa metamorfose mítica.

A boneca confeccionada por Bela Sancho revela tanto a sacerdotisa de longos cabelos (tais como os meus próprios); e a Medusa com seu olhar aterrador e seus cabelos serpenteantes. Além disso, Bela desenvolve um pequeno mecanismo no pescoço da cabeça-medusa da boneca que remete à sua decapitação.

**Figura 04. (SANCHO, 2016) Boneca Medusa
Face Sacerdotisa**

**Figura 05. (SANCHO, 2016)
Boneca Medusa – Face Górgona**

Fonte: Acervo da própria autora



E como se não bastasse a poesia já presente na boneca em si, Bela presenteia-me com um belíssimo poema-relato acerca da audiência de *Medusa ao Reverso* realizada na pesquisa prévia para a confecção da boneca.

Medusa Irreversa

Mineral – ela quica como pedra,
escorre feito água,
quebra contra si, humana.
Debatimento Cardíaco –
ela corta caminho entre cabelos inimigos.
Boneca degolável,
sua aflição soa a respiração de cobra.
Asquerosas lembranças interditas –
farta de ter sido.
Do que serão capazes seus olhos no escuro?
(SANCHO, 2016 – Poema-Relato acerca da Audiência de Medusa ao Reverso)

Braços-Serpentes: a metamorfose no olhar

Compartilho *Medusa ao Reverso* pela primeira vez em solo alagoano na Aldeia-SESC Arapiraca, em setembro de 2017. E no dia seguinte à minha apresentação, estou no pátio do SESC-Arapiraca aguardando o transporte que me levaria de volta para Maceió, quando um gentil rapaz se aproxima perguntando: “Moça, foi você que apresentou a dança ontem à noite, né? Fiz

uns desenhos da sua dança e gostaria de te entregar” _ o gentil rapaz era Jean Marcelo – artista visual que trabalha na Galeria de Artes do SESC-Arapiraca.

Fico então encantada ao adentrar seu escritório e me deparar com dois belíssimos desenhos realizados a partir da sensibilidade de seu olhar para a minha dança da noite anterior. É como se ele retratasse um instante de metamorfose de um dos meus segmentos corporais – ele afirma ter visto meus braços se transmutarem em serpentes enquanto eu dançava. E na sequência dos desenhos ele retrata tal transmutação mágica.

Quando fui assistir ao espetáculo da dançarina e professora Kamilla Mesquita, não tinha ideia do que iria presenciar. Foi como Psique enfrentando os desatinos para reencontrar seu amor Eros. Mas o espetáculo era ‘Medusa ao Reverso’. Uma bela moça de longos cabelos vermelhos, debruçada sobre o palco à meia-luz. Pouco a pouco, por meio de seus movimentos saem serpentes de seus braços, e vão serpenteando suaves notas musicais. Uma nova criatura transmutada em cena. O tempo pára ” (SILVA, 2018 – Relato acerca da audiência de Medusa ao Reverso)

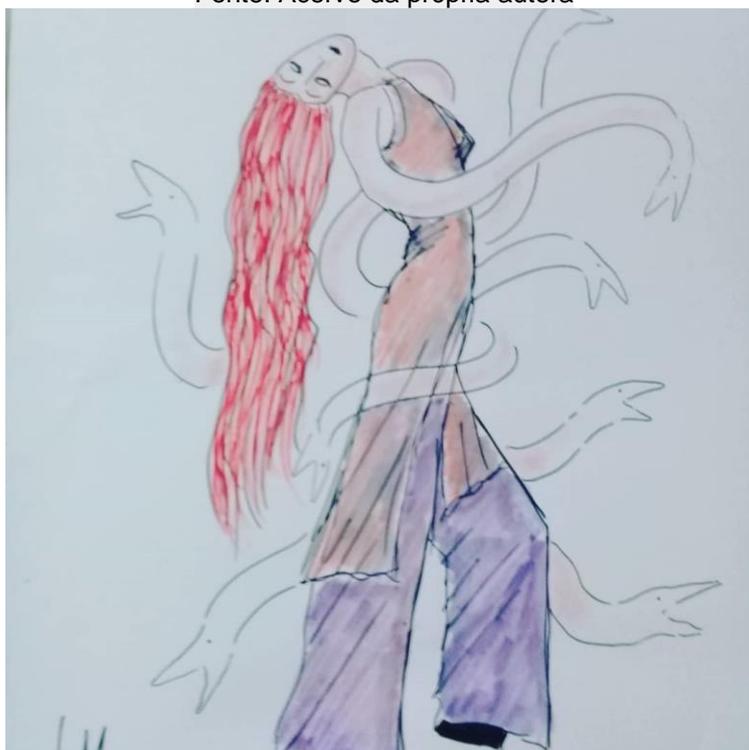
Figuras 06 e 07. (SILVA, 2017) - Desenho em Grafite
Fonte: Acervo da própria autora



No ano seguinte retorno à Arapiraca, novamente na Aldeia Sesc. Completara-se uma volta inteira da roda do ano. Retorno ao Sesc Arapiraca não para apresentar-me como artista, mas para atuar como mediadora e crítica

dos espetáculos selecionados. Mas ao reencontrar Jean, ele me surpreende, um ano depois, com um novo desenho. Desta vez maiores dimensões e colorido. Mas a metamorfose dos braços em serpentes permanece no seu imaginário e na sua representação gráfica, tal qual permaneceu Medusa ao Reverso em meu corpo, entusiasmando-me a recriá-la ao longo das últimas cinco rodas do ano giradas.

Figuras 08. (SILVA, 2018) - Desenho em Lápis de Cor
Fonte: Acervo da própria autora



Considerações Transitórias e Duradouras...

Seria um tanto paradoxal da minha parte utilizar o costumeiro título *Considerações Finais* dentro de um relato de cunho criativo caracterizado, justamente, pelas continuidades e descontinuidades do corpo. Sendo assim, optei por nomear este último momento do texto de *Considerações Transitórias e Duradouras*. Transitórias pois sei que estão sempre suscetíveis à mudança, porém duradouras pois permanecerão em mim nem tanto como convicções absolutas, mas como sementes germinadoras de novas questões. Não busco aqui exatamente concluir conceitos fechados, mas sim arrematar

(temporariamente) a tessitura simbólica que foi tramada até então, com a certeza de que haverá fios a serem puxados. Meu desejo é de que novas tramas se façam a partir desta partilha de processo, seja por mim mesma ou por outros artistas. Que novos encontros sensíveis aconteçam.

Dentre tantas descobertas realizadas ao longo dessa jornada (ainda em processo) de *Medusa ao Reverso*, gostaria de destacar uma delas – a confirmação de que no corpo e nas vivências corporais estaria a fonte mítica - a “canção da imaginação”, como a mitologia é nomeada por Campbell (IN KELEMAN, 2001). “*Mito e corpo. A Mente cria o mito, não a partir de seus programas racionais, mas em resposta a sugestões do corpo em relação àquilo de que ele necessita*” (CAMPBELL apud KELEMAN, 2001, p. 61).

Nossos corpos inspiram a criação de imagens e histórias das quais nós mesmos necessitamos. Há necessidades cosmológicas, sociológicas e psicológicas para a existência das iconografias e das narrativas que embalam a existência da humanidade há tantas gerações. E o mais fascinante, e que pôde ser vivenciado e partilhado ao longo deste processo, é que o mesmo corpo fonte dos mitos pode ser concomitantemente a ponte de reencontro com essas imagens e histórias dentro de um contexto de criação em dança.

É fascinante encontra-me cinco anos após o início desta criação, ainda tão entusiasmada com a mesma, sabendo que a fonte primeira desta criação é o meu próprio corpo. Passo a enxergar no corpo em movimento todo o fascínio de um “arrebamento mítico” capaz de gerar criações. A poesia inerente ao movimento corporal é capaz de nos entusiasmar diariamente. Encontramos nos nossos corpos términos e recomeços; jogos entre forças opostas; metamorfoses múltiplas e constantes.

Podemos experienciar tantos acontecimentos de caráter mítico vivenciando, por exemplo, as nuances da utilização do peso, ou mesmo a sustentação de uma pausa atenta às oposições ósseas presentes. Dançando também somos inseridos no jogo da existência.

O corpo humano é uma síntese do universo. Não sou eu quem diz, nem tal coisa foi dita apenas no século XX. Mas sabemos que no corpo todas as relações, todas as proporções universais estão de alguma forma contidas – e é precisamente essa infinidade de atributos, funções e possibilidades que faz do corpo um verdadeiro mistério. (VIANNA, 2005, p.115)

É fascinante e entusiasmante poder assegurar-me na durabilidade transitória deste processo, sabendo que por mais que ele não continue pelos próximos anos, os vários corpos (re)descobertos por mim ao longo deste trabalho continuaram sempre habitando meu corpo, além de habitarem também a lembrança e o imaginário daqueles com quem tive o prazer de partilha-lo. Esse processo revela um caráter cíclico e infindo, tal qual uma uruborus que une o rabo à cabeça, a extremidade de início à de término, de maneira que nunca termine de fato e que seja um processo encantadoramente (des)contínuo e transitoriamente duradouro.

Referências

CAMPBELL, J. *As Transformações do Mito através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 2015.

KELEMAN, S. *Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campell*. São Paulo: Summus, 2001.

MILLER, J. *Qual é o Corpo que Dança? Dança e Educação Somática para adultos e crianças*. São Paulo: Summus, 2012.

OLIVEIRA, K. *Medusa ao Reverso: Corpando Mitos -Tese de Doutorado-* Campinas: UNICAMP, 2016.

VIANNA, K. *A Dança*. São Paulo: Summus, 2005.

VIVAS, R. *Silênio e Dionísio: detalhe da decoração parietal da Vila dos Mistérios*. Disponível em: <https://rodrigovivas.files.wordpress.com/2010/01/misteriro.jpg>. Acessado em 05 de novembro de 2018.